

Voltando à Marinha. Diz-se que a fragata «Gago Coutinho», comandada pelo capitão-de-fragata Seixas Louçã, esteve para bombardear as forças da Escola Prática de Cavalaria estacionadas no Terreiro do Paço. Eugénio Cavalheiro confirma. Além das diligências feitas por Vítor Crespo junto do vice-CEMA, almirante Jaime Lopes, que tinha dado a ordem, o comandante da fragata acabou por entrar em litígio com a tripulação, nomeadamente com os oficiais, que se recusariam a disparar.

Mas há mais. Alpoim Calvão chegou a defender a utilização dos morteiros do Alfeite para atingir o Terreiro do Paço, mas aí Píneiro de Azevedo pôs os pés à parede, e recusou.

Eugénio Cavalheiro comenta: «Qualquer uma das duas acções tinha acabado com a revolução naquele dia, o que não quer dizer que não houvesse outra dali a pouco».

Não foi preciso. Mas a verdade é que o 25 de Abril vai longe, comandante.

"O JORNAL"

25-4-91 pg 17

Porto

**'PIDE/DGS,  
o 25 de Abril  
foi no dia 26'**

A fim de corrigir algumas declarações feitas pelo com. Eugénio Cavalheiro quando a mim se refere no artigo intitulado «PIDE/DGS, o 25 de Abril foi no dia 26», de 25 de Abril de 1991, e assim contribuir para a verdade, devo informar:

1 . Nunca a fragata «Almirante Gago Coutinho» esteve para bombardear as forças da Escola Prática de Cavalaria estacionadas no Terreiro do Paço no dia 25 de Abril de 1974.

2 . Nunca o almirante Jaime Lopes ou qualquer outra entidade do Ministério da Marinha deu ordem para que se realizasse esse bombardeamento.

3 . Nunca o signatário, então comandante do navio, pretendeu iniciar tal acção ofensiva.

*António Seixos Louçã*  
(Capitão-de-fragata reformado)  
Lisboa

"O JORNAL"

3-5-91 p. 14